

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Amábíia de Jesus

registada em 2009-02-09
por

Jenny Campos e Susana Pires

Maria Amábília de Jesus

Maria Amábília de Jesus nasceu no dia 28 de Agosto de 1921, na Mourísia, onde diz que há-de “acabar, se Deus quiser”. A mãe era Maria da Assunção e o pai era António Barata, ambos nascidos e criados na Mourísia, criaram quatro filhos. Começou a trabalhar nova, as brincadeiras estavam reservadas para o Domingo. Amábília não foi à escola, na altura não havia nenhuma na Mourísia. Após um namoro de pouco tempo, com a autorização dos pais, casou em Pomares, com 23 anos. Passados dois anos de casamento nasceu o primeiro filho e apenas 11 anos depois, nasceu o segundo. “Um é parecido com o pai, outro é com a mãe.” Nunca saiu da Mourísia, nem quando o marido esteve em Lisboa, “tinha que amanhar, tinha que semear, cavar e amanhar o renovo”.

Índice

Identificação Maria Amábília de Jesus.....	4
Ascendência Maria da Assunção e António Barata.....	4
Casa Velha e de madeira.....	4
Infância Infância a trabalhar.....	5
Religião O que aprendi na catequese.....	5
Namoro "Ao domingo numa fugida".....	6
Casamento O meu casamento.....	6
Descendência Dois filhos.....	7
Lugar A Mourísia.....	8
Costumes Costumes gastronómicos.....	11
Sonhos "Um sonho bom".....	13

Identificação *Maria Amábilis de Jesus*

O meu nome completo é Maria Amábilis de Jesus. Vou fazer 88 anos no dia 28 de Agosto. Nasci na Mourísia e aí hei-de acabar, se Deus quiser.

Ascendência *Maria da Assunção e António Barata*

A minha mãe era Maria da Assunção. O meu pai era António Barata. O meu pai e a minha mãe eram da Mourísia. Nascidos e criados.

Tinha quatro irmãos. As nossas brincadeiras era a trabalhar. Os meus irmãos depois já foram para a escola. Esses já tiveram outro meio. Eu não fui à escola porque não havia cá. A escola era na Sorgaçosa. Depois começou na Moura e os meus irmãos já foram.

Os brinquedos era ir trabalhar. No fim do dia, quando vínhamos, estávamos fartinhos de trabalhar. Os brinquedos eram pesados. Era ao domingo que brincávamos um bocado, andavam aí na rua a brincar uns com os outros. Brincavam com uma bolazelha e outras vezes ao fito, outras vezes isto, outras vezes aquilo, mas era os rapazes. As raparigas também lá andavam algumas. Eram aquelas que tinham a corda comprida. Aquelas que tinham a corda curta nunca tinha ordem. Naquele tempo, tínhamos ovelhas numa loja, cabras noutra, porcos noutra, tinham bois noutra. Onde é que havia lugar para brincar, era para tratar dos animais.

Casa Velha e de madeira

A casa era na Mourísia. Era velha, era tudo em madeira. Tinha o sótão por cima e tinha por baixo, onde a gente vivia, a loja para arrumação. A cozinha tinha a lareira por baixo que era tudo a lenha. Cozinhava à lareira, tinha um caldeirão que se pendurava em cima no barrote. Punha-se lá o caldeirão e depois tinha um arco e enfiava-se ali o arco das panelas. Era tudo em panelas de ferro. Agora já acabaram com as coisas antigas. A minha cozinha ainda é antiga, ainda é tudo em madeira.

Infância *Infância a trabalhar*

Comecei a trabalhar assim que se pode começar a girar. Naquele tempo não havia escolas. Não havia nada. Era pais e filhos e netos e avós. Agora estamos aí meia dúzia de gatos.

O trabalho era a amanharmos as terras. Foi isso que nos ensinaram. Semeava-se milho para fazermos o pão e tínhamos porcos para botar aí essa farinha.

Para a fazenda a gente ia tirando o renovo e ia pastar as ovelhas à fazenda. E no fim de fazer a sementeira, iam para aqueles lameiros bravos, pastá-las. E quando era no tempo deixavam criar erva para cortar para os bois. E depois carregar.

Religião *O que aprendi na catequese*

Andei na doutrina. Ia daqui para Pomares a pé e vinha. Enquanto não mudáramos de freguesia. Eram duas irmãs do padre e uma sobrinha que ensinavam.

Era o Padre Nosso, Salve Rainha, com o Deus Pai. Era as sete palavras, sete isto, sete aquilo. Era as 14 Obras de Misericórdia... havia muito para aprender.

*Creio em Deus pai, todo poderoso, criador do céu e da terra.
E em Jesus Cristo, seu único filho nosso Senhor,
Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo,
nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado,
desceu a mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia,
subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso
donde há-de vir julgar os vivos e mortos.
Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica,
na comunhão dos santos,
na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna.*

No dia da comunhão, naquela altura íamos com uma roupa nova, era de qualquer cor. Até se usava um xaile de merino. Ainda o tenho aí. Nunca mais o usei. Nesse dia a gente ia, fazia a comunhão e depois vínhamos almoçar a casa. Era um dia como os outros. Agora é tudo diferente.

Namoro "*Ao domingo numa fugida*"

Os namoros não andavam como agora de qualquer maneira. Tinham que vir pedir aos pais, tinham que vir a casa e depois ala, ide-vos embora! Tornas só para o domingo. Vinham ao outro domingo numa fugida e depois era ir embora.

Eu namorei pouco tempo. Algum meio ano, porque ou era ou não era. Não andava a dar corda. O meu marido teve que ir pedir em casamento, estávamos todos, estava a minha mãe e estava o meu pai, e ele pediu-lhe. E ele respondeu-lhe, que se era para valer ou se era para fazer pouco. Se era para valer que continuasse, se não era, escusava de cá aparecer mais.

Casamento *O meu casamento*

Fôramos casar a Pomares porque nessa altura era a nossa freguesia. Quem quisesse casar aqui na capela, com certeza até que faziam mas tinha que tirar a licença.



António, filho de Amábíla, e Ermelinda

Tinha 23 anos e agora vou fazer 88, no dia 28 de Agosto. E o meu marido vai fazer 92 no dia 28 de Abril.

Fui de vestido, era branco. Ele já era de preto, já era de outra maneira.

No dia do casamento cozeram a carne, assaram três reses, e depois fizeram a tigelada, faziam o arroz, faziam os coscoréis e depois o almoço. Vinham os tios de um lado e do outro, todos ali à mesa a comer.

Descendência *Dois filhos*

Já estava casada há uns dois anos quando o meu filho nasceu. Tenho dois filhos com diferença um do outro de 11 anos. Um é parecido com o pai, outro é com a mãe.



José, filho de Amábíla



António, filho de Amábíla, na tropa

Lugar A Mourísia

A santa da Mourísia é a Senhora da Assunção, depois há a Senhora de Fátima, na capela há o Santo António, há a Senhora de Lurdes, há a Senhora da Saúde. É assim. A festa é no terceiro sábado de Agosto. Antigamente vinha o padre dizer a missa e cada um assava uma rês, matava uma rês, e fazia-se uns tachos de tigelada e coscoréis conforme o que quisessem fazer.

Não faziam procissão. Agora é que já fazem, senão também é a missa e pronto.

Para a tigelada a gente tínhamos as cabras e as ovelhas, que nos davam o leite. Se queríamos fazer com 2 litros já tinha que pôr mais ovos, se fosse só 1 era menos. Conforme punham os ovos, depois punha-lhe açúcar. Os ovos batiam-se bem batidos numa vasilha. Naquele tempo era com a colher: raque, raque ali a rapar. Depois juntava-se o leite, punha-se-lhe o açúcar, punha-se-lhe sal mais ou menos conforme era a porção do leite, e no fim daquilo aquecia-se, tinha-se o forno quente, para botar os tachos. Aqueles tachos de barro. Quando está

cozida a gente arranjava um pauzito assim muito delgadinho e depois enfiava num tacho. Se já viesse enxuto, já estava cozida, se viesse molhado, que ainda viesse agarrado, ainda não estava cozido. Deixava-se estar até cozer e depois estando cozido tirava-se e quando fosse à refeição, que a quisesse comer, estava fria.

Antigamente já se sabe que era tudo mais ao antigo, tudo mais velho, primeiro não havia nada alcatroado. Agora já está tudo alcatroado. Agora já há as casas feitas todos em cimento.

Primeiro a fonte tinha uma piaçita em pedra por baixo, punha-se ali o cântaro. Quando era no Verão está claro que todos nascentes dão menos e juntavam-se ali à noite muitos, enquanto chegasse a vez de cada um, não enchia. Eu vinha para casa, porque a gente tinha a vida e depois a que estava à minha frente punha lá o cântaro. Tirava o dela, punha o meu.

Pequenas curiosidades sobre a vida no passado

A gente, comida, fazia um tacho de sopa para comermos. E cozíamos batatas, com hortaliça e se matava o porco tinha-se carne. A carne salgava-se e metia-se numas salgadeiras de madeira e ali é que se conservava. Ainda é melhor que agora nas arcas de congelar. Era o que se usava.

E o enchido. Tinha-se umas panelas vidradas, punha-se uma qualidade numa, punha-se outra qualidade noutra panela. Fazia-se umas de carne, outras de bofes, outras de sangue, outras de polme. Punha-se cada uma em seu lado. E depois conforme a que a gente quisesse ia lá com um prato e um garfo e tirava para cozer, para comer.

Quando se mata o porco, os homens agarram-no, vão-no matar e põem-no em cima de um banco e depois sangram-no. E depois as mulheres é que com um alguidar aparam o sangue e vão fazer essas morcelas. Com a carne bota-se-lhe sal e põe-se com água, tudo a tomar o sal.

No dia que se mata, os homens desmancham e a gente depois põe nos alguidares e tempera. Depois põe-se lá no fumeiro. Para secar o chouriço demorava algum tempo. Isso é conforme eles são. Se for os de polme é mais depressa. Se for as de bofes demora mais, de sangue ainda mais. É conforme elas são.

O folar é uma coisa e a cônica é outra. O folar é pela Páscoa, quando vêm dar as Boas Festas. A cônica é de ano a ano, quando é em Janeiro.

Os lobisomens têm que dar volta às sete capelas. Se lhe picarem que bote sangue fica natural. São lobisomens. Mas se lhe der aquilo tem que dar volta às sete capelas e igrejas. Acho que não fazem mal a ninguém.

As bruxas só têm ódio às pessoas.

A sofrer sem médicos

O médico era sofrer. Era andar, ir para Côja ou ao barbeiro do Piódão. E pronto.

O barbeiro era tão bom como um médico. E havia outro na Benfeita. Tanto que eu fui a Côja, quando o meu filho partiu a perna e eles mandam-me para o hospital. Eu digo assim:

- Então, para ir para o hospital?

Eu depois chamei cá o da Benfeita, que chamava-se José Augusto, e ligou-lhe a perna. Ficou bom, graças a Deus.

Os filhos naquele tempo tinham-nos em casa. Havia uma pessoa que ia quando era para apartar. Chamam-na parteira, era a Maria da Piedade.

"Agora já está boa"

Luz era o lamparino. Era um candeeiro que tinha uns pregos. O candeeiro tinha um gancho para se pendurar. Enfiava-se o gancho no prego e era a luz que a gente tinha. Ainda me lembra uma vez, eu vinha na sala e ele apagou-se. Veio outra vez, tornava a vir, tornou-se a apagar. Eu atirei com ela para o chão. Digo assim:

- Agora já está boa.

Agora, chega-se e carrega-se no botão, chega-se além, carrega-se no botão. Agora não há vento que o apague.

Para regar os campos tínhamos um candeeiro, chamava a gente um lampião, que era a petróleo.

Regava-se quando era no Verão, no tempo que se amanhava tudo. Não havia aí um bocadinho que não fosse amanhado. Cada um tinha só as suas horas para regar. E depois havia horas de noite e iam aproveitar de noite. Toda a gente sabia quando era a sua vez. Assim como agora. Agora, aqueles que ainda regam sabem. Agora já é mais o que está de relva que o que está amanhado.

Um castanheiro com história

Temos um castanheiro que é de um irmão meu. Apanhei lá tanta vez as castanhas. Dá boas castanhas. Dava, que era um castanheiro grande. No concelho não conheço outro igual àquele. Já lá andou o fogo, ainda o meu pai, que Deus

tem, ainda era vivo. Agora é oco por dentro. Isto foi alguém que no lugar de botar para o chão o cigarro botou-o lá para dentro lá começou a moer, a moer até que se acendeu. Depois havia um vizinho que tinha bois, veio-os trazer e viu o clarão. Veio directo ao meu pai, diz ele assim:

- "Olhe que o lume anda lá no castanheiro"

Lá tiveram que ir.

"A visita agradece-se"

Nunca saí da Mourísia. Nem quando o meu marido esteve em Lisboa. Então eu tinha o filho mais velho. E tinha cabras. Tinha que amanhar, tinha que semear, cavar e amanhar o renovo.

Eu gosto da minha aldeia, gosto da visita de toda a gente. Não tragam nada mas venham com a boa vontade, a visita agradece-se seja a quem for.

Costumes *Costumes gastronómicos*

O leite

Fazia-se queijos com o leite das cabras e das ovelhas. Comia-se o leite de uma vez e o queijo para outra. O queijo a gente cõa-o para uma panela e põe-se a aquecer e estando morno, coava-se para um ou para outro lado e depois botava-se-lhe cardo que a gente criava. Coalhava-se o leite e depois tínhamos uns acinchos que havia em madeira e havia em plástico. E era assim que fazia. Comíamos todos! É muito bom. Acabou isto tudo, agora não temos nada.

Castanhas

Tínhamos castanhas, tínhamos castanheiros. No tempo que elas se apanham a gente apanha muito frio, é só no tempo do frio. E depois punham-se a secar no caniço e pisavam-se. Depois as que largavam a casca, largavam, as outras nós saltávamos com os tamancos de cima no cesto, e saíam piladinhas, era para se cozerem. Aquilo é que era um petisco.



Casamento de José, filho de Amábília (23 de Janeiro)

As nossas broas

Tínhamos um forno em casa. Era por baixo do coreto. Foi onde me eu criei. Pediam-nos para lhe deixarem ir cozer. Foram duas ou três pessoas e ao depois diz-lhes assim o meu pai, que Deus tem:

- "Botei mais eu ontem..."

Porque a gente fazia as broas grandes. Mas elas era uns bolitos. Quando tendiam, que elas tendiam, uma punha um dedo, e outra punha dois. E era assim que se sabia. Já sabiam qual era a delas. Tinham que ter o sinal para saber qual era a minha, qual era a da outra, qual era a daquela. Tinha que ter o sinal. Elas faziam assim. Nós, não era preciso sinal. Era só para nós.

Tínhamos um moinho ao fundo da ribeira. Ia-se moer a farinha, ia-se botar a lavagem aos porcos, cozinhava-se, ia-se buscar todos os dias um carregado de nabos para cozinhar numas panelas de ferros grandes. Porque aquilo era à lareira.

Punha-se aquelas panelas grandes de ferro e enchia-se de comida para cozinhar e para botar aos porcos.

Sonhos "*Um sonho bom*"

Queria que Deus me desse saúde que eu me pudesse mexer sem o pau, que eu pudesse andar pelas minhas pernas. O que esperava era saúde. Esse é que era o sonho bom.